REGISTROLIBERAL

2ª QUINZENA DE FEVEREIRO DE 2006 | REGISTROLIBERAL.BLOGSPOT.COM

Os Imbesimpsons!

Os países islâmicos mostram que não são chegados a liberdades individuais



A Revolta dos Hipócritas! Como e porque a revolta contra as charges do *Jyllands-Posten* é de tamanha hipocrisia que um governo decente se recusaria a fazer qualquer tipo de comentário.

>>> ARTIGOS

Klauck Soares

IGUALDADE QUANDO QUEREM SER DESIGUAIS

Rodrigo Veleda

FIM DO RACISMO? ACABEM COM O CONCEITO DE RAÇA!

>>>>>>>>>>>>>>>>>>>>>REGISTROLIBERAL.BLOGSPOT.COM

>>>ÍNDICE

Artigos

>>>Klauck Soares

IGUALDADE QUANDO QUEREM SER DESIGUAIS

Quando alguém dá um discurso promovendo a igualdade logo o público aplaude com entusiasmo.

Todos querem ser iguais aos quem tem mais, mas nunca iguais aos quem tem menos.

Partindo dessa premissa, a igualdade tende a ser uma peça de ficção, pois vai contra a individualidade de cada um, contra os gostos pessoais, seus sonhos, suas ambições e acima de tudo, anula seu direito de escolha.

Para ser igual, o indivíduo, teria que se submeter ao gosto daqueles que comandam (que pensariam por você), ditando o que comer, o que vestir, onde morar, que tipo de casa devo ter e assim por diante.

Será que povo sendo livre iria aceitar a tal igualdade com passividade sem relutância.

Nos tempos antigos, muita gente, como ainda hoje, vivia como escravos da mente de outros. Aceitar a tese da igualdade é uma forma de escravidão entregando-se aos intelectuais.

Viver nos vícios é uma forma de igualdade, todos iguais para serem explorados ao comprar a droga seja ela qual for, bebidas alcoólicas, fumo, cocaína.

O mundo é uma guerra de ofertas que vem de todos os lados, algumas boas e outras ruins, mas cabe ao indivíduo a escolha. Conheço pessoas que fumam mesmo sabendo dos seus malefícios, mas quer fumar e daí. O bom da desigualdade é quando alguém não quer fumar ninguém poderá impedir.

A única igualdade que defendemos é de termos os mesmos direitos de escolha. O direito de escolha é o melhor caminho! Para que isso possa ser eficaz, faz-se necessário que a parte boa da sociedade tenha mais competência para persuadir o homem a fazer o bem.

É uma grande ilusão achar que a igualdade possa resolver o que o mal faz, quando o homem é discriminado, perseguido e escravizado.

Posso querer ser igual a alguém que admiro mesmo assim nunca poderei ser exatamente igual porque todos temos uma inteligência individual e indivisível.

A insanidade das pessoas, consiste em acreditar que determinados políticos promoverão igualdade de acordo com o sentimento de cada um dos ouvintes que na verdade são distintas uma das outra é simplesmente ilusão.

A palavra igualdade soa bem em nossos ouvidos, quando somos injustiçados, mas por causa desta palavra que muitas vezes, somos o que somos, iguais aos que fracassam.

>>>Rodrigo Veleda

FIM DO RACISMO? ACABEM COM O CONCEITO DE RAÇA![1]

E a Câmara dos Deputados aprova a implantação de cotas nas universidades federais brasileiras. Haverá uma cota de 50% para alunos provenientes da escola pública, sendo que dentro deste 50%, haverá uma distribuição para pessoas negras e índias, de acordo com os números divulgados pelo IBGE para o respectivo estado da universidade. Agora, o projeto de lei vai para o Senado, e depois, para sanção presidencial.

No caminho inverso, do Senado para Câmara, temos o famoso Estatuto da Igualdade Racial, proposto pelo senador Paulo Paim (PT-RS), que legaliza a segregação em raças e outros conceitos da pseudociência; e eu pensava que só havia *homo sapiens*, pelo jeito tem *homo sapiens alvus*, *homo sapiens nigrus*, *homo sapiens indius* e outros.

O projeto de lei de Paim obriga a identificação racial em praticamente todos os atos da vida cotidiana, desde exames de saúde pelo SUS até questionários sobre emprego que possam ser criados pela autoridade competente. O PL também tem cotas para universidades federais e, pasme, cotas para filmes, programas televisivos e propagandas. Então o pessoal da Linha Forqueta (Paim deve saber o que é) não poderá fazer um filme sobre sua colonização, já que nunca estaria de acordo com as cotas de Paim.

Outro ponto intrigante do projeto é a denominação "afro-brasileiro". Eu gostaria muito de saber se nesta denominação entram os egípcios, os marroquinos, os líbios, já que todos estes são africanos. Também tenho dúvidas se isto se aplica aos bôeres, aos fazendeiros brancos escorraçados por Mugabe no Zimbábue, ou mesmo ao povo da Namíbia, a qual seu colega de partido, Lula, fez um comentário muito peculiar sobre a arquitetura de Windhoek.

Nesta discussão toda não é feita uma pergunta crucial: quem quer ser identificado por "raça"? Ninguém. As pessoas querem é, sim, ser reconhecidas pelos seus méritos, capacidades e qualidades, e não por um conceito baseado em informações dúbias e impostas de cima para baixo, ou seja, o governo define quem tu és.

Espero, embora sabendo que isto não passe de utopia, que os projetos de lei citados acima sejam debatidos com honestidade, ouvindo-se todos os lados sobre a matéria. Sonhar não custa nada.

---

[1] Publicado com o título “Homo sapiens brasiliensis” na seção Dois Pontos do Diário do Comércio. Disponível em <http://www.dcomercio.com.br/noticias_online/557506.htm>.

Cartas

Mandar as cartas para
registroliberal@yahoo.com.br

FIM DO RACISMO? ACABEM COM O CONCEITO DE RAÇA!

Pois é, Rodrigo
Será que o homo sapiens brasiliensis perdeu de vez a sapiência?
Meu abraço,
Peter Fry

Isso viola o "limite" da liberdade de expressão que foi determinada pelo meu aiatolá, o Al-Toritário



O hobby número 1 nos países muçulmanos: protestar para deixar as coisas no jeito que estão

E então o mundo islâmico-fascista entrou em revolta devido à publicação de dozes charges sobre o profeta Maomé; aliás, eu descobri[2] que até dizer Maomé é uma ofensa, vê se pode. A revolta das charges transformou a Dinamarca, um reduto politicamente correto para padrões europeus (ou seja, patrulha total), no mais novo integrante da Lista Superior do Grande Satã, composta até então por Estados Unidos e Israel. A revolta também se aplica a todos os países nórdicos, num exemplo típico de generalização, aos membros *hors-com-cours* da Lista Superior do Grande Satã e a França, que baniu vestimentas religiosas em escolas públicas e que também fora alvo de fúria semelhante em 2005.

Como veremos a seguir, a revolta das charges não tem o menor fundamento já que está é uma revolta sem apoio legítimo, e muito menos, sem uma causa legítima. O que temos de concreto são conseqüências imprevisíveis e violentas por determinados setores da sociedade islâmica e reações bizarras por parte do Departamento de Estado

---

[2] Beraba, Marcelo. "Maomé/Muhammad." Folha de São Paulo 12 Fev 2006.

americano e do Foreign Office britânico. Isso para não citar inúmeros jornais, como o *NY Times* e *Estadão*, que só faltaram endorsar os militantes da Jihad cartunística.

>>>LINHA DO TEMPO DAS CHARGES

Ao contrário do que possa parecer, as charges não foram publicadas recentemente. Na verdade, elas foram publicadas no dia 30 de setembro de 2005 pelo referido jornal *Jyllands-Posten*, que tem uma circulação diária média de 150 mil exemplares num país com aproximadamente 5,4 milhões de habitantes. Até então a reação fora pequena em comparação com o que estava por vir. Em dezembro do mesmo ano, a Liga Árabe, uma espécie de ONU muçulmana, divulga uma nota condenando tais charges. E em fevereiro de 2006, temos a revolta nas ruas. Abaixo, uma tabela com os principais acontecimentos por ordem cronológica.

TABELA 1: Ordem Cronológica

Data	País	Acontecimento
30 de setembro de 2005	Dinamarca	O jornal *Jyllands-Posten* publica as 12 charges sobre o profeta Maomé
9 de outubro de 2005	Dinamarca	A Sociedade Islâmica da Dinamarca exige apologias do *Jyllands-Posten* e a retirada das charges de circulação
14 de outubro de 2005	Dinamarca	3500 pessoas fazem um protesto pacífico na frente da sede do *Jyllands-Posten*
19 de outubro de 2005	Dinamarca	11 embaixadores requerem audiência com o primeiro-ministro Rasmussen. Ele nega audiência baseado no direito de livre-expressão
3 de novembro de 2005	Alemanha	O jornal *Frankfurt Allgemeine Zeitung* publica as charges
24 de novembro de 2005	ONU	A Relatoria da ONU sobre Liberdade Religiosa exige que a Missão Permanente da ONU na Dinamarca faça um relatório sobre o caso
2 de dezembro de 2005	Paquistão	Um partido político, Jamaat-e-Islami, supostamente oferece 10 mil dólares para quem matar um dos cartunistas
19 de dezembro de 2005	Europa	O Conselho da Europa critica a Dinamarca por utilizar a "liberdade de expressão" como escudo para não tomar ações contra as charges
6 de janeiro de 2006	Dinamarca	O Promotor de Viborg arquiva a investigação que apurava a culpabilidade do *Jyllands-Posten* em relação ao Código Penal dinamarquês
24 de janeiro de 2006	Arábia Saudita	O governo saudita condena publicamente as charges
26 de janeiro de 2006	Arábia Saudita	O governo saudita chama seu embaixador na Dinamarca de volta, como forma de protesto
29 de janeiro de 2006	Líbia	O governo líbio fecha sua embaixada na Dinamarca
	Jordânia	O embaixador dinamarquês é intimado para uma audiência
	Dinamarca	O site do *Jyllands-Posten* sofre um ataque do tipo denial-of-service
	Palestina	O movimento Brigada dos Mártires de Al-Aqsa dá 72 horas aos dinamarqueses e suecos para que estes deixem o território palestino
30 de janeiro de 2006	Dinamarca	O *Jyllands-Posten* pede desculpas por ter ferido o sentimento islâmico
	Palestina	Membros armados do Fatah invadem o escritório local da União Européia
	Estados Unidos	Bill Clinton condena a publicação das charges
	Europa	A União Européia apóia a Dinamarca e diz que boicotes serão considerados como violação das regras globais de comércio
31 de janeiro de 2006	Bahrein	A Assembléia Nacional demanda um pedido de desculpas a ser feito pela rainha Margrethe II. A Assembléia também ameaça com um boicote a produtos dinamarqueses e a não-exportação de petróleo
1 de fevereiro de 2006	França	O jornal *France Soir* publica as charges. O diretor Jacques Lefranc é demitido
	Finlândia	O governo finlandês protesta contra a "demora" do governo dinamarquês em tomar alguma ação
2 de fevereiro de 2006	Marrocos	Protestantes sentam em frente ao Parlamento para demandar uma ação do governo local
3 de fevereiro de 2006	Dinamarca	O primeiro-ministro Rasmussen se encontra com embaixadores de países árabes. O embaixador egípcio diz que a resposta é insuficiente
	Reino Unido	O Secretário do Exterior Jack Straw condena os jornais europeus que publicaram as charges
	Estados Unidos	O Departamento de Estado condena as charges como "incitação ao ódio"
	Palestina	O Hamas promove protestos nos territórios palestinos. A violência

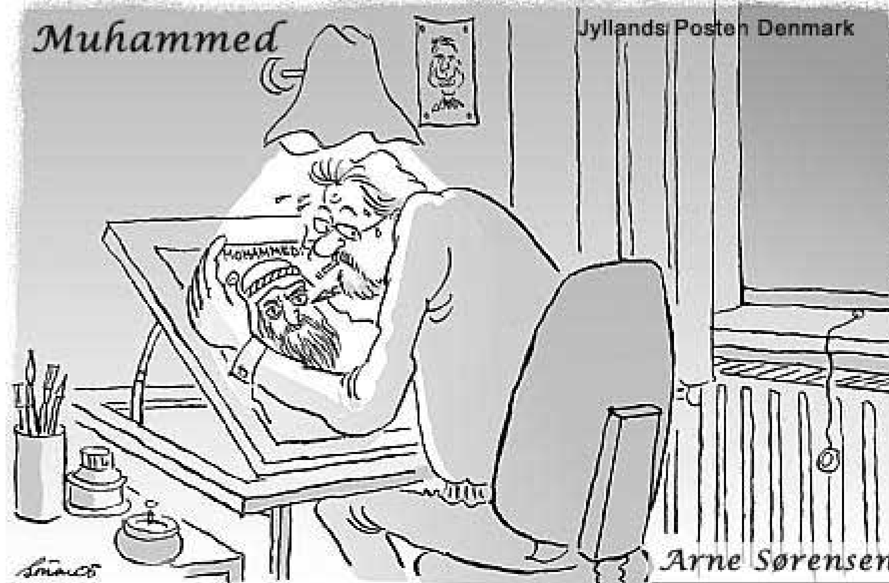
		dos protestos aumenta
	África do Sul	Por ordem judicial, a publicação das charges é proibida
4 de fevereiro de 2006	Jordânia	O editor do jornal *al-Shihan* é preso
4 de fevereiro de 2006 (cont.)	Síria	O prédio que é sede das embaixadas do Chile, Suécia e Dinamarca é incendiado. As representações chilena e sueca sofrem graves danos.
	Estados Unidos	O *Wall Street Journal* publica em editoral três charges não-publicadas
5 de fevereiro de 2006	Síria	O jornal estatal Al-Thawra diz que é de responsabilidade do governo dinamarquês o incêndio em sua embaixada
	Iraque	O Ministério dos Transportes congela contratos com a Dinamarca e Noruega
	Noruega	O primeiro-ministro Jens Stoltenberg irá se queixar a ONU devido à falta de proteção a sua embaixada
	Turquia	Um padre católico é morto por um jovem que diz ser influenciado pelas charges
6 de fevereiro de 2006	Irã	A embaixada da Áustria é atacada com bombas incendiárias, mas nenhum dano é reportado
	Líbano	O governo libanês pede desculpas a Dinamarca por não ter dado proteção suficiente a sua embaixada
	Reino Unido	Tony Blair se diz totalmente solidário a Dinamarca
7 de fevereiro de 2006	Itália	O primeiro-ministro Berlusconi pede a Turquia para neutralizar os fanáticos
	Reino Unido	Um editor juvenil é suspenso por publicar uma imagem de Maomé. O jornal é a primeira publicação britânica com as tais imagens e é retirado de circulação
	Iêmen	O governo suspende as licenças de operação de dois jornais que publicaram as charges
8 de fevereiro de 2006	França	O jornal de humor *Charlie Hebdo* publica uma “entrevista” com Maomé, que diz “ser difícil ser amado por débeis”. Há tentativas infelizes de bloquear judicialmente o jornal
	Brasil	A revista Veja publica as três charges mais polêmicas
	Canadá	A reitoria da Universidade de Prince Edward Island interrompe a distribuição de um jornaleco com as charges
		O professor Peter March da Universidade Saint Mary é ordenado a retirar as charges da porta de seu escritório
10 de fevereiro de 2006	Dinamarca	O staff diplomático dinamarquês na Síria, Irã e Indonésia são retirados após receberem ameaças

Fonte: "Timeline of the Jyllands-Posten Muhammad cartoons controversy." Wikipedia, The Free Encyclopedia. 13 Feb 2006, 16:03 UTC. 13 Feb 2006, 17:06 <http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Timeline_of_the_Jyllands-Posten_Muhammad_cartoons_controversy&oldid=39477256>.

>>>AS TAIS CHARGES



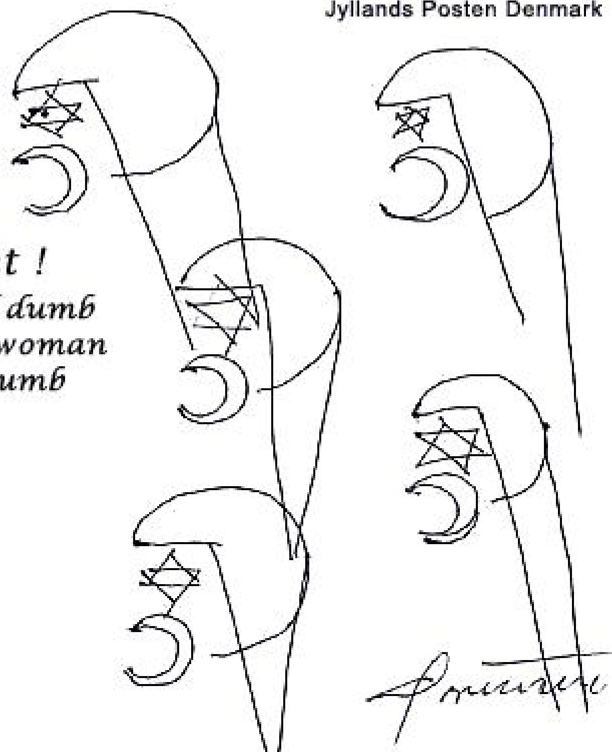




Muhammed Jyllands Posten Denmark



Jyllands Posten Denmark



Prophet !
daft and dumb
keeping woman
under thumb

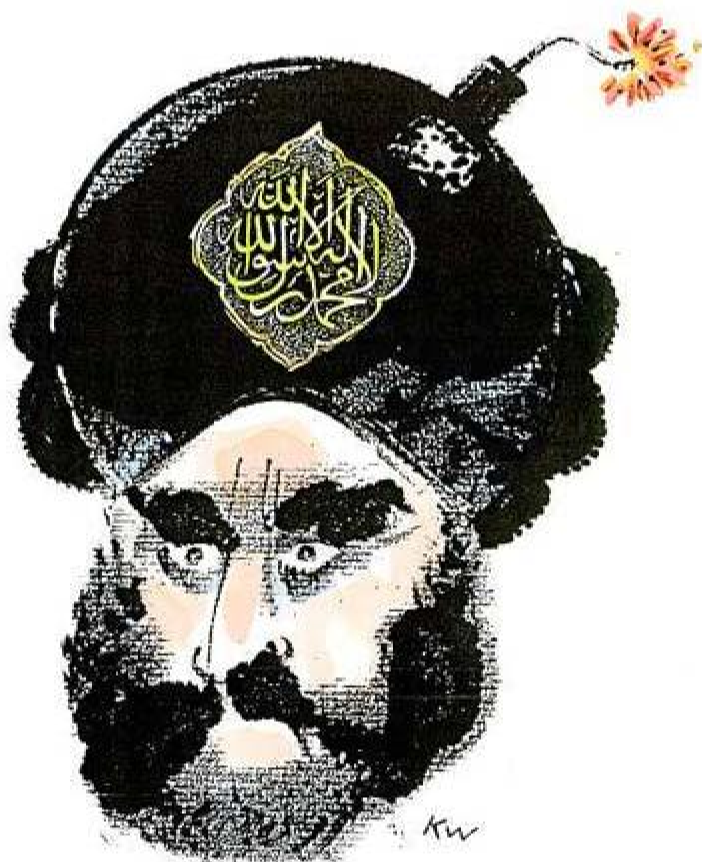
Muhammed *Erik Abild Sørensen*

Muhammed

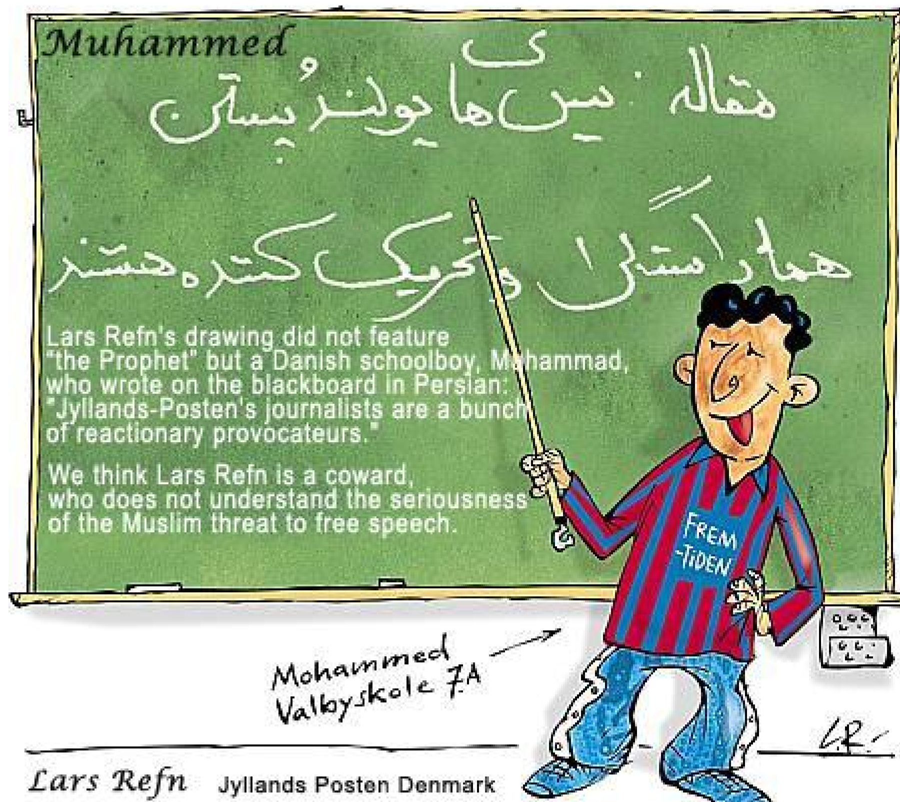


Jyllands Posten Denmark *Jens Julius*

Muhammed Jyllands Posten Denmark



Kurt Westergaard



Muhammed Jyllands Posten Denmark Franz Füchsel



Easy my friends, when it comes to the point it is only a drawing made by a non believing Dane...

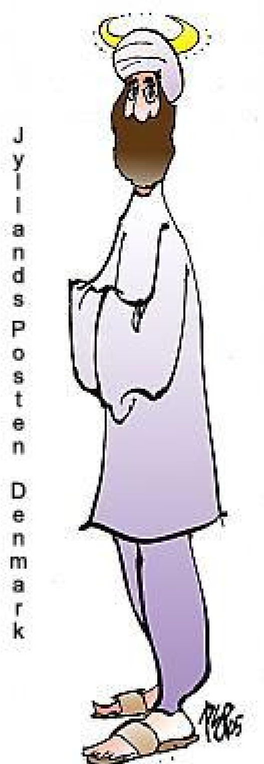
Muhammed Jyllands Posten Denmark



Peder Bundgaard



Muhammed



Poul Erik Poulsen

>>>LIBERDADE RELIGIOSA EM DETERMINADOS PAÍSES MUÇULMANOS

As informações têm como fonte o "Annual Report on International Religious Freedom" do Departamento de Estado dos Estados Unidos, na sua versão do ano de 2005. Quando a fonte for diferente, será citado oportunamente.

Arábia Saudita

A liberdade religiosa não existe na Arábia Saudita, nem no campo social nem no campo legal. A única religião permitida é o islamismo sunita, no qual todos os cidadãos devem professar. A principal fonte de jurisprudência religiosa é a escola Hanbali, que é a mais severa das quatro escolas legais do islamismo sunita. Proselitismo religioso promovido por pessoas que não são sunitas é crime.

O governo saudita tem uma política informal de tolerância para o culto privado não-sunita, especialmente para os estrangeiros ali residentes. Contudo, o governo saudita não determina com clareza o que seria um “culto privado”, o que dá margens a várias interpretações. Isto é perigoso visto que o culto público de outras religiões é punido com extrema severidade, geralmente com castigos corporais. A entrada de clérigos no território saudita é complicada, o que impossibilita a realização de cultos regulares de outras religiões.

Há também a obrigatoriedade dos estrangeiros portarem as iqamas, cartões de identidade para residentes legais, que contém as inscrições “muçulmano” ou “não-muçulmano”. No campo judiciário, os juízes geralmente desprezam os testemunhos fornecidos por não-sunitas.

Bahrein

A legislação do Bahrein permite a liberdade religiosa sobre determinados termos, ainda assim, é um dos países mais liberais do Golfo Pérsico, isso se falando não apenas em religião mas também no campo de direitos das mulheres.

Os grupos religiosos que desejam se instalar no Bahrein precisam de autorização do Ministério dos Assuntos Islâmicos. Em geral esta autorização é concedida, há até uma sinagoga regularmente inscrita, embora os membros da fé Baha’i não tem tal autorização devido a uma interpretação do islamismo. O que não impede os Baha’i de professar sua fé.

O maior conflito religioso é entre os sunitas, a classe mais proeminente, e os xiitas que compõe 2/3 da população e são os menos abastados. Há um preconceito implícito contra os xiitas mas o governo vem tomando ações afirmativas para diminuir o preconceito. Fora isso, há um ambiente amistoso entre as mais diversas religiões.

Iêmen

A constituição iemenita garante a liberdade de expressão mas define o islamismo como religião oficial e a Sharia como fonte de todo o sistema jurídico-legal. Existe um ambiente favorável para a liberdade religiosa na sociedade iemenita.

Como de costume, as religiões que não-islâmica sunita precisam de autorização governamental para poder construir seus templos. As celebrações religiosas, no entanto, ocorrem sem interferência estatal. É crime tentar converter muçulmanos para outra religião, sendo isso um crime punido com a morte. Existem relatos de tortura para conseguir informações sobre quem se converteu para outras religiões.

Existe também uma discriminação contra as mulheres, que de acordo com a interpretação local do direito islâmico, precisam ser submissas aos seus maridos e não podem casar com pessoas que não sejam muçulmanas, exceções se aplicam se o noivo é cristão ou judeu.

Irã

A constituição iraniana declara o islamismo como religião oficial baseada na doutrina xiita Ja’fari e há restrições legais para o livre exercício da religião. O zoroastrismo, judaísmo e o cristianismo são reconhecidos como religiões minoritárias, contudo há inúmeros relatos de ameaças e outras violências contra estas religiões. A religião Baha’i é extremamente violentada pelo governo xiita.

As congregações religiosas minoritárias são monitoradas por perto por parte do governo, embora não haja requerimento legal para o registro individual de religiões, o que não se aplica aos Baha’i. Os Baha’i são geralmente forçados a se converter ao islamismo, têm seus túmulos profanados e sofrem rotineiras discriminações por parte da sociedade e do governo.

Existem outras restrições para as pessoas que não são muçulmanas. Elas não podem entrar no exército, ainda que exista serviço militar obrigatório (o que cria uma espécie de “isenção” serviço militar), as leis penais dão penas mais brandas quando as vítimas não são islâmicas (há o conceito de impunidade legal para crime perpetrados contra os Baha’i) e sofrem problemas quando tentam entrar na universidade já que é requerido um detalhado teste sobre o islamismo.

Iraque

Após a queda do regime de Saddam Hussein, um governo transitório foi estabelecido para preparar o caminho para um novo Iraque. O novo sistema político iraquiano tende a ser federalista baseado nas etnias, só que o islamismo será a religião oficial e fonte do sistema jurídico-legal, contudo haverá provisões para a liberdade religiosa.

No Iraque existe o reconhecimento de feriados não-islâmicos mas somente os islâmicos são considerados feriados nacionais. As leis anteriores à liberação do Iraque ainda não foram revogadas, o que significa que existem restrições legais para o livre exercício da religião e o acesso a empregos governamentais. Estas leis estão em flagrante desacordo com a Lei Transitória de Administração, só que até o presente momento nenhuma corte declarou estas leis ilegais.

Jordânia

O Reino da Jordânia garante a liberdade religiosa mas determina que o islamismo seja a religião oficial. Existe um ambiente favorável para a o exercício da religião embora os membros de congregações informais e dos muçulmanos convertidos a outras religiões sofrem discriminações sociais e legais.

Os grupos religiosos precisam de autorização para operar no país e esta autorização é requerida perante o Primeiro-ministro; não há registro de que algum grupo tenha sido negado a sua licença de operação. O ensino religioso islâmico é obrigatório para os muçulmanos em escolas públicas; os cristãos e os baha'i não precisam freqüentar essas aulas e as escolas públicas fornecem aulas cristãs para os alunos cristãos.

A lei islâmica proíbe a conversão de muçulmanos para outras religiões e este ato é punido com a morte, embora não haja uso de tal punição. O governo também não permite o proselitismo religioso realizado por não-muçulmanos.



Antes de sair, verifique se estás portando o cérebro
Muçulmanos xiitas se auto-flagelando na cerimônia Ashura, no dia 9 de fevereiro de 2006, no Líbano. Agora temos uma amostra de onde vai a loucura deles.

Líbano

Existe proteção legal para a liberdade religiosa no Líbano, sendo o país com maior número de cristãos em todo o Oriente Médio. As religiões informais, como o budismo sofrem, certas discriminações que, no entanto, são menores do que em outros países da região. O país recebe muitos refugiados religiosos dos países vizinhos.

As pessoas que não professam religiões oficiais o podem fazer sem interferência estatal, contudo seus direitos políticos são prejudicados já que as cadeiras do parlamento são alocadas por religião (o Líbano é uma república parlamentarista).

A opção religiosa precisa estar mencionada nos documentos de identidade, com exceção do passaporte. Os grupos religiosos operam seus próprios sistemas legais, no que tange as relações de família e o status pessoal. Nos grupos muçulmanos há discriminação contra mulheres.

Líbia

A Líbia é uma ditadura islâmica mas permite um nível aceitável de tolerância religiosa, exceto para os muçulmanos militantes. A Líbia e o Vaticano mantêm relações diplomáticas normais e os clérigos católicos podem andar de hábito sem problemas.

O governo regula as atividades religiosas no país, exigindo registro destas. Este registro quase sempre é concedido, a não ser que o grupo religioso seja visto como uma ameaça à ditadura local. A literatura religiosa também é monitorada e os muçulmanos que querem fazer a peregrinação a Meca, só o podem fazer depois dos 40 anos.

O país não condenou ninguém com bases exclusivas em opções religiosas e não há casos de punição para casos de apostasia.

Marrocos

O islamismo é a religião oficial marroquina e a constituição garante a liberdade de religião. Há um bom ambiente para o exercício de outras religiões embora os convertidos ao cristianismo sofram discriminação social. O rei do Marrocos é conhecido como o "Comandante dos Seguidores da Fé".

O registro perante o governo é obrigatório e este pode ser revocado quando a organização religiosa tender a atividades políticas. Anteriormente, o governo importunava os Baha'i nos seus cultos privados mas agora não há mais registros de tais atos. Os grupos religiosos têm isenção de impostos e recebem subsídios estatais para suas atividades regulares.

O monitoramento de clérigos islâmicos é maior do que a de outros clérigos, já que o governo teme o uso do islamismo contra suas políticas. O governo também monitora as discussões acadêmicas sobre o islamismo, acarretando uma forma de censura. Tentar converter um muçulmano é crime. Os muçulmanos que se convertem a outras religiões sofrem problemas burocráticos e sociais, sendo que geralmente é negado pedidos de passaporte destes.

Palestina[3]

A Palestina, como território ocupado e sem reconhecimento internacional formal, está sob jurisdição das leis israelenses, só que em Israel não existe uma constituição escrita. Por analogia poderíamos dizer que há o mesmo direito de exercer sua opção religiosa em Israel e na Palestina mas isso não é verdade.

Existe muita animosidade entre os judeus e os muçulmanos; esta rixa geralmente não é transmitida para os cristãos. O conflito religioso é causado pelo uso político da religião, especialmente por parte da Autoridade Nacional Palestina, que geralmente financia publicações anti-semitas.

---

[3] Radler, Melissa. "State Department Blasted for Lauding PA's 'religious tolerance'" 11 Out. 2002. Freedom House. 16 Fev. 2006 <http://freedomhouse.org/religion/country/Israel%20&%20occupied/State%20blasted.htm>.

Paquistão

O Paquistão é uma ditadura islâmica que ainda que forneça “proteção” constitucional a liberdade religiosa afirma que pode barrar qualquer expressão religiosa que não esteja em acordo com a segurança do Estado e da glória do islamismo. O ambiente inter-religioso é tenso e as minorias religiosas, mesmo as de cunho islâmico, sofrem discriminação legal e social.

No Paquistão há o crime da blasfêmia, pena de morte para a blasfêmia contra o islamismo, e prisão para as outras religiões. Por pressões sociais, religiosas e oficiais não há julgamentos em casos de blasfêmias contra as religiões não-islâmicas. Os membros do governo precisam ser muçulmanos e defender a religião islâmica.

O Paquistão ainda tem julgamentos tribais que beiram o absurdo. Mulheres são condenadas a estupros coletivos e outros horrores que surgem nas mentes dos conselhos tribais religiosos.

Síria

A liberdade religiosa está num nível razoável devido às restrições governamentais estabelecidas pela ditadura síria. A Síria tem um dos maiores conjuntos de cristãos do Oriente Médio, com 10% da população. Não há religião oficial, só que o presidente tem que ser muçulmano e o islamismo é a fonte da lei e da justiça.

Todos os grupos religiosos precisam ser registrados e precisam ter autorização para todo o tipo de reunião que não seja o culto propriamente dito. Há isenção de impostos para os grupos religiosos. A Páscoa Ocidental e a Ortodoxa são consideradas feriados nacionais. O governo sírio desestimula as práticas religiosas dentro da burocracia estatal.

As relações familiares são regidas pelo direito religioso, o que invariavelmente resulta em discriminação contra as mulheres, no caso das famílias islâmicas. Há poucos casos de tensões religiosas na sociedade, causadas mais por controle estatal da imprensa do que pelas visões divergentes sobre religiões.

Turquia

A Turquia é o país islâmico mais liberal, contudo há restrições ao exercício da religião e discriminação legal e social. A situação da liberdade religiosa vem se deteriorando por parte de ações do governo e de vândalos. Ainda assim, o secularismo é a doutrina oficial legal.

O governo regula as atividades religiosas islâmicas e não-islâmicas por dois órgãos diferentes. O governo pode desapropriar propriedades religiosas não-islâmicas quando a população da referida religião cair “drasticamente”. A designação de locais de culto é feita pelas autoridades municipais e há registros de cristãos sendo presos e processados por fazerem cultos em casas particulares sem autorização governamental.

Os cristãos e judeus têm uma certa tranqüilidade para realizar seus cultos, só que há inúmeras publicações anti-semitas e anticristãs e o proselitismo religioso não tem proteção legal.

>>>LIBERDADE DE EXPRESSÃO EM DETERMINADOS PAÍSES MUÇULMANOS

Os dados aqui informados são do “Worldwide Press Freedom Index 2005” da ONG Repórteres Sem Fronteiras. Quando os dados não forem desta fonte, citarei oportunamente.

Situação no Oriente Médio e Norte da África



Arábia Saudita

A Arábia Saudita é considerada pela ONG Repórteres Sem Fronteira como um dos 10 países mais restritivos no que tange a liberdade de expressão. O regime é tão supressor que o Ministro do Interior, Príncipe Nayef chefia "um Estado dentro do Estado". A operação de *outlets* de mídia depende de decreto real e todos os editores são escolhidos pelo governo. O governo saudita faz de tudo para impedir a entrada de jornalistas estrangeiros, que quando conseguem suplantar a selva burocrática são acompanhados por um lacaio do governo. O governo saudita também investe pesado no controle da internet.

Bahrein (2004)

O Bahrein é um oásis de liberdade comparado com seus vizinhos do Golfo Pérsico. Contudo, a lei de imprensa ainda tem trechos que permitem a persecução penal contra pessoas que tentem minar o Islã. Por pressão da sociedade, este trecho nunca foi posto em prática. Há censura de jornais e revistas estrangeiros e a televisão é monopólio estatal.

Iêmen (2004)

O Iêmen tem a constituição mais liberal de todo o Oriente Médio, só que está é virtualmente inativa devido a um governo autocrata que se instalou em 1978. Os jornalistas iemenitas sofrem toda a sorte de pressão governamental, sendo ameaçados com violência física e banimento eterno da profissão. A TV e o rádio são monopólios estatais e as entidades reguladoras do setor não contém membros que não do governo.

Irã

O Irã é um típico exemplo de teocracia ditatorial radical. Os jornalistas estão sujeitos a todo tipo de ameaça estatal, especialmente com o uso de "intimações" do Ministério da Justiça e da inteligência iraniana, o que resulta em fianças estratosféricas que são uma sentença de falência contra os jornalistas. As denúncias contra jornais são geralmente estapafúrdias e com penas sem conexão alguma com o tal "crime". Os jornalistas estrangeiros, quando conseguem entrar no país, são monitorados à exaustão. A impunidade contra crimes em que jornalistas são vítimas é comum.

Iraque

O Iraque é o lugar mais perigoso do mundo para jornalistas. O principal problema no Iraque é a segurança dos jornalistas, dada a situação transitória do país. Há uma guerra de farpas entre os jornalistas e as forças americanas e iraquianas: os jornalistas acusam os militares de brutalidade e os militares acusam os jornalistas de não darem a mínima para as regras de segurança.

Líbano (2004)

O Líbano já foi considerado um oásis de liberdade de expressão. Há ataques freqüentes a *outlets* de mídia, especialmente aqueles que são contra a influência da Síria na política libanesa. A programação televisiva pode ser suspensa por ordem ministerial, sem necessidade de processo judicial. Outra fonte para interrupção de notícias são as opiniões religiosas e opiniões sobre o governo. Tudo aquilo que pode ser considerado como "blasfêmia" ou ataque a "integridade nacional" é censurado sem a mínima preocupação com o devido processo legal[4].

Líbia

A liberdade de imprensa é delimitada pelos devaneios do ditador Kadaffi, o que sempre significa notícias pró-Kadaffi ou o que estiver na mente do seu lacaio. Como se pode imaginar, a imprensa não pode fazer críticas ao "Irmão Líder". Esta cultura de repressão teve um *offshot* perigoso: a autocensura. A autocensura faz parte do cotidiano da imprensa Líbia. Kadaffi também tenta censurar todos aqueles jornalistas no exterior que ousem falar mal dele.

Marrocos

Embora o governo tenha perdoado todos os jornalistas que estavam sendo processados devido o exercício de sua profissão, o Marrocos não pode ser considerado uma terra de liberdades. 80% dos jornalistas não se acham livres para escrever sobre todos os tópicos. Os jornais não podem criticar a figura do rei e são vítimas de policiais e juízes enviesados com o governo. A mídia também sofre pressão de grupos islâmicos, que o fazem por meio de ataques terroristas.

Palestina

A mídia palestina é alvo freqüente de radicais islâmicos, tanto de dentro como de fora do protogoverno. A mídia palestina tende a ter mais liberdades do que nos outros países da região, embora esta liberdade varie diariamente. O uso da Internet, no entanto, é irrestrito e as pessoas podem captar canais de TV estrangeiro por

---

[4] Devido processo legal se refere ao padrão ocidental de justiça criminal: regra processual definida anteriormente ao caso e sem sigilos, juiz imparcial e independente do governo (com ou sem auxílio de júri), julgamento público, possibilidade de contestação de provas, não-obrigação de produzir provas contra si mesmo, direito de silêncio e possibilidade de recurso.

meio de parabólicas. O vandalismo contra a mídia é algo comum na realidade palestina e está relacionado a disputas políticas da localidade. Representantes estrangeiros são vítimas contumazes de ameaças.

Paquistão

Com o pretexto de "combater" o terrorismo, o Paquistão se arvora de inúmeros instrumentos para perseguir e censurar a imprensa; correspondentes estrangeiros são monitorados pelos serviços de inteligência. No Paquistão existe o conceito de "área de blecaute" para a imprensa, isto é, zonas do país onde a imprensa simplesmente não pode existir. Jornalistas estrangeiros também são selecionados aleatoriamente para servir de exemplo a seus colegas. Os ativistas islâmicos contam com o beneplácito das autoridades policiais, e se engajam em vários atentados contra a imprensa.

Síria

O regime de Assad é alvo constante da comunidade internacional, seja por qualquer motivo razoável. O Partido Baath domina toda a mídia da Síria e tem um decreto dizendo claramente que não se tolerará críticas contra o partido, a unidade nacional e outros eufemismos para cercear a imprensa. Muitos sírios se refugiam no Líbano para poder continuar com sua independência editorial.

Turquia

A Turquia vem tentando entrar na União Européia desde os anos 1990. Com isso veio mudanças favoráveis no campo da liberdade de expressão, o que não quer dizer que a Turquia esteja nos parâmetros mínimos aceitáveis do Ocidente. As penas para crimes cometidos por jornalistas são elevadas e são sujeitos a interpretações momentâneas de juízes nem sempre comprometidos com as liberdades individuais. A Turquia também utiliza o moto "luta contra o terrorismo" para aniquilar a dissidência, em especial a curda.

OPINIÃO
Rodrigo Veleda

Falar de liberdades individuais nos países islâmicos é o mesmo que dizer que ir para o Caribe em busca de neve. Os regimes são quase sempre monarquias absolutas ou ditaduras benevolentes que são fartamente financiados por petrodólares e cujos regimes são baseados em interpretações do islamismo feitas por um grupo diminuto de pessoas, sem o menor *oversight* democrático.

Apesar de tudo isto, podemos perceber que uma considerável parcela da população local apóia isso e aplica tais preceitos em suas relações particulares, com ou sem legislação oficial. Estas pessoas percebem o islamismo como uma religião superior e por isso podem fazer o que bem entendem com as outras religiões. Este tipo de tratamento não é dispensado aos muçulmanos em países cristãos, mesmo os países em que o cristianismo é a religião oficial com Reino Unido e Argentina.

Uma pessoa em sã consciência nunca poderia dar qualquer tipo de explicação para as tais charges. Esta revolta das charges é intrinsecamente hipócrita e nada tem a ver com uma improvável "ofensa" ao islamismo. Tem a ver com o fato de que os países ocidentais permitem os seus cidadãos o exercício de todas as liberdades individuais, independente de cor, sexo, idade, classe social, saldo na conta e outras variáveis. Defender os revoltados é apoiar o regime saudita.

Estatais do Pensamento

Olavo de Carvalho

Quando um padre é apanhado num hotel com uma mini-prostituta de treze anos, quando um oficial de alta patente é surpreendido de joelhos ante o membro viril de um soldado, quando um senador ou deputado é pego em flagrante delito de tráfico de tóxicos, já ninguém mais se surpreende. Acostumamo-nos à idéia de que a Igreja, as Forças Armadas, o Estado são estruturas impessoais, onde cabe toda sorte de gente — dos santos aos bandidos, passando pela horda inumerável dos indiferentes e medíocres.

Mas, quando é um filósofo quem se revela assassino, traficante ou corruptor de menores, as pessoas ainda sentem o choque do escândalo, igual ao que sentiriam, décadas atrás, se o personagem fosse prelado ou almirante. É que a filosofia, no entender do senso comum, não é um emprego, um cargo, uma ocupação como outra qualquer. Ela tem algo a mais, que a linguagem comum não expressa mas a consciência de cada um apreende, e que recobre os seus praticantes de uma aura de dignidade especial. Ela é um sacerdócio informal, que, não obrigando o noviço a nenhum voto perante a autoridade exterior, nem lhe conferindo em recompensa o poder que a autoridade acaba por delegar aos servidores obedientes, não compromete o homem senão perante a sua própria consciência nem lhe dá outro prêmio, quando dá algum, senão a sabedoria. Ela é o sacerdócio leigo do homem livre — o sacerdócio mais alto que se pode conceber.

De tudo isso sabe o senso comum, e por isto mesmo sofre ao ver o filósofo metido na lama, que não lhe parece no entanto local totalmente impróprio aos poderosos deste mundo, sejam prelados, ministros ou almirantes.

Não estará porém a opinião comum um tanto desatualizada com o estado de coisas? Não estará ela projetando sobre os meros funcionários de talento que mediante concurso o Estado nomeou "filósofos" uma expectativa moral formada à imagem dos grandes filósofos do passado? E haverá entre estes e aqueles, realmente, algo mais que uma coincidência do termo que os designa? Não terá a filosofia perdido toda ligação originária com a sabedoria e descido ao nível de uma profissão como qualquer outra, onde cabem, mediante concurso, os heróis e os covardes, os santos e os corruptos, os mártires e os carrascos?

Saber e viver

A filosofia surgiu como um esforço de interiorização do conhecimento, uma ascese do espírito que, ao buscar a unidade do saber, buscava nela a sua própria unidade e, nesta, a unidade de *saber, ser e agir*. Em todo o período grego, a interrogação sobre a alma, o bem e a conduta na vida não era um domínio separado das investigações físicas e ontológicas, mas formava com elas, na pessoa do filósofo, a síntese de conhecimento e vida. As escolas de filosofia não eram apenas centros de ensino e investigação científicos, mas escolas de sabedoria e, até certo ponto, sociedades iniciáticas. Não procuravam apenas transmitir a seus membros um certo conhecimento, mas educá-los numa certa maneira de viver que, para a consciência filosófica, era a maneira certa de viver.

Essa síntese permanece viva e atuante até o fim do mundo antigo, na escola estóica e no neoplatonismo. Na Idade Média, ganha ainda mais peso e consistência, graças à associação que se forma entre o estudo da filosofia e a prática da moral cristã. Levando às últimas conseqüências o ideal grego de cultivo da sabedoria, a filosofia medieval torna-se um caminho de santidade, realizando a máxima de Clemente de Alexandria: "A filosofia é o pedagogo que conduz a alma até o Cristo". Concepção similar desenvolve-se no mundo islâmico, onde a filosofia se alia, na fraternidade de Basra e em outras escolas de mística, a práticas ascéticas destinadas a obter a máxima concentração da alma e torná-la plenamente dócil a evidências cada vez mais altas que lhe vão sendo reveladas pela intuição espiritual.

Mesmo diluído na onda de mundanismo e esteticismo que então se avoluma, esse ideal sobrevive no Renascimento: nem Descartes, nem Pascal, nem Malebranche, nem Leibniz, nem Newton podiam conceber uma ciência que fosse desligada do autoconhecimento e do cultivo das virtudes.

A filosofia como emprego

Em contraste com essa concepção, que durou dois mil anos, a filosofia que se pratica no mundo desde o século XIX é uma profissão remunerada, geralmente exercida numa instituição estatal ou sob a fiscalização do Estado. Seu exercício requer do praticante apenas a posse de determinados conhecimentos, a obediência aos regulamentos administrativos e, *last not least*, um certo traquejo social ou habilidade política, que com muita freqüência se revela um fator mais decisivo que os dois anteriores. Toda ascese interior e busca da sabedoria não apenas se revelam dispensáveis, como também sua prática se torna extremamente dificultosa nas condições em que a nova profissão se exerce. A filosofia torna-se um emprego, um papel social, e a seleção dos candidatos nada exige em matéria de condições morais, espirituais ou psicológicas: desde que passe no concurso, um esquizofrênico, um farsante, um demagogo, um assassino ou um mentiroso compulsivo pode agora adornar-se do título que um dia significou "amante da sabedoria". O filósofo é alguém que sabe e que sobretudo fala, mas que não tem a mais mínima obrigação de *ser*.

O risco de decadência moral, nessas condições, é considerável. Se Kant julgava ingênuo buscar respostas às questões metafísicas sem antes de fazer uma investigação preliminar sobre a possibilidade *teórica* do conhecimento metafísico, mais ingênuo ainda é julgar que podemos chegar a bom resultado nesta investigação, ou na busca daquelas respostas, sem antes termos resolvido o problema *prático* de saber se nossa mente pessoal é idônea o bastante para tratar desses assuntos sem deformá-los à imagem e semelhança de sua própria insinceridade.

À medida, porém, que o mundo moderno se imbuía de todas as precauções kantianas contra a possibilidade de erros teóricos, ao mesmo tempo foi negligenciando cada vez mais as precauções mais elementares de ordem prática concernentes à qualificação moral e psicológica requerida para o exercício da filosofia.

Na escola platônica, o estudante não adormecia antes de repassar de memória todos os seus atos e pensamentos do dia, de modo a não esmorecer no seu empenho de autoconsciência; e na manhã seguinte, se aparecesse despenteado ou mal vestido, não era admitido em classe: a ordem no interior da alma devia refletir-se numa aparência física limpa e saudável.

Na Idade Média, a disciplina interior do aspirante a filósofo tornou-se ainda mais aperfeiçoada e exigente, com a adoção generalizada das práticas cristãs da *confissão*, do *exame de consciência* e do *discernimento dos espíritos.*

Desde o Renascimento, e cada vez mais à medida que o mundo Ocidental entrava na chamada "modernidade", essas exigências foram se afrouxando, até o ponto de se aceitarem como filósofos, sem a menor reticência, malandros bem-falantes como Voltaire, mentirosos patológicos como Rousseau, loucos perigosos como o Marquês de Sade e homicidas como Louis Althusser.

Uma das causas desse estado de coisas é que a filosofia universitária, tendo adotado os critérios padronizados de informação científica, incorporou, junto com eles, o modo de discussão e triagem consensual empregado nas "ciências humanas". Isto é à primeira vista um progresso, mas tem por conseqüência levar o estudioso para cada vez mais longe da ascese interior e transformá-lo num trabalhador científico rotineiro, empregado numa atividade coletiva onde o que interessa é obter um resultado global no qual o nível de consciência e a perfeição da alma de cada participante não contam para absolutamente nada. Nessas circunstâncias, cada nova tese deve antes harmonizar-se com as exigências do meio acadêmico do que com as demais opiniões e atitudes do homem que a produziu. O pensador tem de prestar mais reverência ao superego universitário do que à sua própria consciência: pede-se que defenda bravamente suas opiniões, com primores de dialética e erudição se possível, mas não que acredite nelas sinceramente ou que as leve a sério fora do horário de expediente. E como a diversidade das perspectivas que se confrontam nos debates é geralmente grande, e bem extensa a lista de trabalhos anteriores sobre o mesmo assunto que é preciso levar em conta, cada estudioso, que tenha uma idéia nova, com mais probabilidade a dispersará em debates acadêmicos muito antes de ter a oportunidade, ou mesmo o desejo, de averiguar o que ela significa para ele mesmo e de tirar dela a menor conseqüência para a conduta da sua vida. Forçado a amoldar sua idéia o quanto antes aos padrões do intercâmbio acadêmico, e jamais convidado a assumir por ela uma responsabilidade pessoal, o estudante de filosofia mal percebe o quanto isto arrisca transformá-lo com mais facilidade num amante da tagarelice do que num amante da sabedoria. Ganha-se assim em riqueza do debate geral o que cada participante perde em profundidade e seriedade de seu próprio compromisso filosófico: a comunidade acadêmica consolida dia após dia sua autoridade científica, enquanto os filósofos se tornam pessoas cada vez mais imaturas e inconseqüentes, cada vez mais necessitadas, portanto, de apoiar-se na autoridade do consenso acadêmico. Ao mesmo tempo, toda elaboração de problemas de consciência é relegada para o recinto fechado da clínica psicoterapêutica e psicanalítica, onde é tratada como assunto da "vida privada" sem a menor ligação com a educação superior e a busca do saber. Obtida assim a plena consagração da ruptura entre ciência e consciência, o rolo compressor que, a pretexto de rigor científico, esmaga todo senso de responsabilidade pessoal, torna-se um mecanismo infernal de auto-reprodução circular: uma vez caído na máquina, um homem não tem mais como conservar, se não sua independência de julgamento, ao menos a conexão profunda entre pensar e ser, entre suas opiniões filosóficas e as camadas mais profundas de sua vida interior. Em troca, recebe o direito de participar da construção do consenso, bem como o reconhecimento público de seu estatuto profissional, com todas as vantagens materiais decorrentes. Se isto não é vender a alma, não sei o que seja.

É por perceber algo dessa atmosfera, mais que por encontrar dificuldades para dominar a terminologia técnica, que o homem comum não vê em geral nas discussões acadêmicas nada mais que tediosos e vãos litígios de pedantes.

O culto do "gênio"

Para aqueles que se sentem oprimidos nesse ambiente, mas não desejam abandoná-lo, há sempre o refúgio do esteticismo, da retórica e da filosofice literária, que são ali bem aceitos a título de complemento dialético ao ritualismo da racionalidade vigente. O que permite este fenômeno é que, perdendo a unidade de ciência e consciência que constituía a sua identidade específica, a filosofia, ao mesmo tempo que copiava o *modus operandi* das ciências especializadas, absorvia das artes e letras o modelo do "gênio", compreendido como o indivíduo cujo talento especializado pode compensar, pela singularidade de suas criações, os piores defeitos de caráter, incluindo a inconsciência moral e a falta de senso do real, que no contexto antigo e medieval o incapacitariam no ato para o exercício da vida filosófica: sem um rosto próprio, reduzido a um híbrido de literato e cientista, o novo profissional pode agora correr entre o templo das Letras e o das Ciências, como um crente inseguro que busca, por via das dúvidas, a proteção alternada de dois deuses. Deste modo, se sua filosofia se reduz a um caleidoscópio de belas

intuições fragmentárias impossíveis de reduzir a um todo lógico e muito menos à coerência de uma ética pessoal, tanto mais valorizado será o pensador, porque ante a comunidade profissional ele simboliza a nostalgia da unidade perdida, da qual a confusão mesma da sua mente é, por assim dizer, a imagem caricatural e inversa: incapaz de alcançar a síntese de ciência e consciência, ele neutraliza ambas na névoa brilhante e multicor da "genialidade", em cuja contemplação quase mística o estudante encontra, como num entorpecente, o alívio factício que o desviará para sempre de toda tentação de buscar a unidade autêntica e, após o mergulho curativo nas águas lustrais do irracionalismo, o tornará apto a reintegrar-se como inofensivo burocrata na rotina alienante da vida acadêmica.

Se, quanto mais poderoso se torna o *establishment* filosófico, mais tendem a predominar nele as correntes de pensamento anti-espirituais, esquizofrênicas e alienantes, isto se deve grande parte à dinâmica mesma de um exercício profissional que exige do praticante a ruptura entre sua faculdade discursiva, desenvolvida até o paroxismo, e sua consciência íntima, que se cala ou se perde por lhe faltarem ali os mais elementares meios de expressão legítima. A inibição de dizer qualquer coisa que não tenha amplo respaldo na bibliografia existente, o temor de acreditar mais no que vê pessoalmente do que naquilo que afirma o discurso dominante, fazem com que o modo de pensar do pensador acadêmico se torne cada vez mais indireto e metalingüístico, até perder toda referência ao mundo da experiência comum e à pessoa concreta de quem fala. E se, até certo ponto ao menos, Marx tinha razão ao dizer que o modo de existência social determina a forma da consciência, o modo de existência da classe acadêmica acaba por se transpor numa característica *Weltanschauung* gremial, em que a realidade aparece diminuída *sub specie academiae* e o ser humano reduzido a um fantoche *parlé par le langage*, exatamente como se cada membro da espécie *homo sapiens* fosse um acadêmico a defender numa assembléia científica, como um papagaio erudito, opiniões ante as quais sua consciência íntima permanece neutra e indiferente, se não totalmente cética. A expropriação da consciência em troca do discurso autorizado culmina no instante em que o discurso, elaborado até o requinte de provar a si mesmo que não pode ser veículo de nenhuma consciência, ergue a inconsciência falante ao nível de uma obrigação científica. E quando um dos autores de semelhante façanha intelectual, subido ao mais alto patamar da carreira, que é o estado de zumbi alucinado, decide tomar uma providência coerente e estoura os miolos, repentinamente a condição humana de seus devotos cultores, tanto tempo reprimida que já nem mais lembra o que pudesse ter sido um dia o velho senso das proporções, irrompe numa súbita efusão de sentimentalismo caricatural e histérico, proclamando, em todas as cátedras, revistas científicas e suplementos literários dos jornais, que o falecido se matou porque era bom demais para este mundo.

A filosofia, enfim, foi deixando de ser uma busca da sabedoria, que envolvia o homem inteiro, corpo, alma e espírito, numa preparação para a posse das mais altas verdades, e se tornou uma mera habilidade especializada, como a de cantar, desenhar ou fazer rimas, completamente autônoma em relação à personalidade moral e à forma completa da "alma". O filósofo tornou-se um "pensador" — um homem que tem o talento especial de produzir pensamentos interessantes. Como toda habilidade particular, essa pode ser cultivada como um território separado, perfeitamente compatível com todos os defeitos de personalidade, incluindo a repugnância pela verdade ou mesmo a total incapacidade para captar as evidências mais óbvias. Esta incapacidade, não raro, torna os pensamentos ainda mais interessantes, no sentido de exóticos e atraentes. Mas, mesmo quando não se chega a esse extremo, a mera insinceridade basta para conferir a muitos escritos filosóficos aquela aura de ambigüidade e mistério que rodeia de um prestígio mágico as obras dos poetas. A produção de idéias criativas tornou-se enfim uma espécie de "arte", com seu círculo de aficionados, seus subsídios estatais, seu mercado e seu panteão de artistas fascinantes — em nada se distinguindo do ambiente das artes plásticas ou da música. E não espanta que, nesse ambiente de colorido mundanismo, o mal e a mentira acabem por prevalecer.

>>>APÊNDICE

Miséria da filosofia nacional

Diante desse quadro, o leitor imaginará talvez que nos países pobres, onde a filosofia universitária é incipiente e não alcançou um bom nível de organização profissional, a vocação filosófica no sentido antigo, o amor à sabedoria, possa ter mais espaço para se expandir, ainda que não profissionalmente, sem ter de passar pelo rolo compressor. Infelizmente, isso não se realiza, por três motivos.

Primeiro. Quanto mais incipiente, mais a universidade estatal tende a ser ciumenta e monopolística: envolvida numa luta sem tréguas pela manutenção de seus benefícios corporativos (sempre excessivos para quem os paga, mesquinhos para quem os recebe), ela tende a ver o pensador de fora do grêmio como um intruso, um virtual inimigo da classe. Daí o culto fanático do "diploma", uma exigência que em ambientes universitários mais desenvolvidos é muito mais branda e, nos casos de notório saber, inteiramente dispensável.

Segundo. A inexistência mesma de uma profissão filosófica organizada no padrão moderno faz com que este padrão se torne um ideal fervorosamente imitado. E esta, como toda imitação contínua, cai no exagero caricatural: o molde é tão valorizado que acaba por se tomar como a única encarnação possível da filosofia e por excluir do campo todas as expressões não-acadêmicas do pensamento filosófico que, nos países mais desenvolvidos, o academismo respeita e procura absorver. Nos ambientes letrados brasileiros, a palavra mesma "filosofia" já não evoca um universo de temas, de problemas ou de atos intelectuais, mas a carreira funcional correspondente. Quando alguém diz que se interessa por filosofia, não se entende que pensa em tais ou quais assuntos, nem que lê tais ou quais livros, mas que é ou pretende ser portador de um certificado, que ocupa ou pretende ocupar certo lugar na hierarquia funcional. É a completa coisificação burocrática da filosofia, agravada ainda pelo hábito da

"especialização", copiado das ciências particulares (onde é requisito inteiramente legítimo), o que leva a filosofia a rebaixar-se ao estatuto de mera "ciência da filosofia", pois, por definição, o conhecimento "especializado" de uma filosofia consiste em expô-la fielmente segundo os métodos da história e da filologia, e não em filosofar pessoalmente sobre ela, criando uma outra filosofia que, logicamente, não poderia ser classificada sob a mesma especialidade (no sentido em que não é na condição de especialista, mas de filósofo, que Heidegger interpreta Nietzsche ou Sto. Tomás comenta Aristóteles). Mas ao mesmo tempo esses costumes grotescos e aviltantes são, da parte do nosso miúdo *establishment* acadêmico, uma autodefesa compreensível: quanto mais insegura a consciência, mais repressivo o superego.

Terceiro. Para que poderosas vocações filosóficas se desenvolvessem à margem do academismo nascente seria necessário existir uma forte presença do elemento filosófico na cultura geral, na imprensa e no movimento livreiro, coisa que não existe. Se existisse, muitos homens cultos talvez pudessem retomar, em ligação direta e passando por cima do cerco acadêmico, o contato pessoal com antigas tradições sapienciais da filosofia, e reenxertá-las no diálogo cultural corrente, o que viria a beneficiar, a longo prazo, a própria cidadela acadêmica, fazendo circular dentro dela um pouco de ar puro. Mas essa condição não existe na nossa sociedade, e, exceto para o homem de gênio que pode buscar a conexão por conta própria (é o caso de um Mário Ferreira dos Santos, por exemplo), o acesso a que me referi está bloqueado. Em resultado, o estudante, se da universidade recebe apenas a filosofia de tipo rolo compressor, não encontra, fora dela, senão minguadas oportunidades de adquirir conhecimento e desenvolver seus talentos; e, por falta de cultura, acaba por cair no mero diletantismo — dando assim involuntariamente um reforço retroativo, falacioso mas verossímil, ao preconceito do academismo local contra toda pretensão de filosofar fora dele.

Mas o mais tristemente irônico de tudo é que, nesse ambiente filosófico de Terceiro Mundo, o estudante que, não tendo alternativa, se amolde às exigências da filosofia acadêmica, acaba por não obter, em troca da expropriação de sua consciência, nem mesmo as compensações que sacrifício idêntico lhe daria numa universidade da Europa ou dos Estados Unidos: perdendo sua alma, ele não ganha nem a oportunidade gratificante de dar uma contribuição substancial à formação do consenso filosófico internacional, nem a estabilidade financeira de um próspero cidadão de classe média, que a profissão universitária confere a seus praticantes na França ou nos Estados Unidos. Ao entrar na universidade, ele é um joão-ninguém; ao sair, é um joão-ninguém com diploma e sem alma. Não admira que viceje nos seus bofes tanto rancor contra o Estado que lhe arrancou tanto em troca de tão pouco. Nem que, incapaz de conscientizar sua situação pessoal exceto pelas vias de pensamento padronizadas que absorveu em sua formação acadêmica, o jovem bacharel em filosofia trate logo de despejar seu rancor em algum empreendimento desconstrucionista, em alguma apologia esteticista da perversão ou em alguma teorização da violência revolucionária — os canais consagrados por onde a comunidade acadêmica escoa, numa linguagem cujo pedantismo a faz parecer educada, serena e superiormente científica, os mais baixos sentimentos de uma classe média frustrada e cheia de ódio.

Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/livros/estatais.htm>.

Sete Mitos sobre o Vietnã

Mito #4

Os vietnamitas que lutaram contra nós eram mais nacionalistas do que comunistas. Os comunistas desejavam ajudá-los a libertar seu país do invasor francês e, mais tarde, do americano.

> Nguyen Huu Tho, o fundador da Frente de Libertação Nacional (braço politico do Vietcong) foi, por muitos anos, mostrado aos americanos como um advogado libertário, um "nacionalista", sem conexões com Hanói ou com o comunismo.[5] A FLN, entretanto, estava conectada com Hanói todo o tempo, como se fosse um cordão umbilical.

Encorajados pela retirada gradual dos EUA, Tho e a FLN passaram a exibir sua cores vermelhas mais ostensivamente. Em 1973, durante uma visita a Moscou, Tho reconheceu a dependência da FLN do Bloco Soviético e dos Partidos Comunistas de todo o mundo, quando disse:

> *As vitórias são alcançadas, em primeiro lugar, pelo esforço resoluto e enérgico de nosso povo, pela ajuda efetiva dos países socialistas e pelos esforços dos pacifistas e progressistas de todo o mundo, inclusive aqueles dos EUA.*[6]

Logo após os vietnamitas do norte terem conquistado o poder sobre o sul, Nguyen Khac-Vien, um proeminente historiador do Partido Comunista no Vietnã do Norte, admitiu que a FLN *"sempre foi um simples grupo teleguiado por [Hanói]. Se nós [Hanói] o negamos por tanto tempo foi porque, durante a guerra não estávamos obrigados a mostrar nossas cartas".*[7]

Tho e seus companheiros revolucionários da FLN logo entenderam que os líderes comunistas do norte não tinham intenção de repartir o poder com eles, seus "camaradas" do sul. Respaldados pelo Exército norte-vietnamita, que era suprido de armas soviéticas e chinesas, os líderes do Partido em Hanói empalmaram o controle. Aqueles líderes da FLN que não foram enviados para campos de "reeducação" serviram como cortina para o regime. A Dra. Duong Quynh Hoa aderiu ao Partido Comunista quando estudava Medicina na França e foi uma das fundadoras da FLN. Foi nomeada vice-ministra da saúde, sob o novo governo de Hanói. No fim dos anos 70, porém, enquanto a tirania tornava-se mais brutal e opressiva, ela renunciou. Arriscou-se a sofrer sérias represálias ao escrever uma carta a Nguyen Huu Tho:

> *"Você e eu temos servido como espantalhos, como máscaras e vistosos adornos. Nós simplesmente não podemos fazer parte de um regime que não é democrático e não respeita qualquer lei. Dessa maneira, faço-lhe saber que renunciarei ao Partido e a qualquer posto governamental".*[8]

O corolário desse mito é que o ditador norte-vietnamita, Ho Chi Minh, era um nacionalista ardoroso e só aceitava a assistência da URSS e da China Comunista porque os EUA recusaram-se a ajudá-lo na luta contra o colonialismo francês.

Essa tese foi proposta por, entre outros, Archimedes Patti que, como jovem oficial no OSS (predecessor da CIA) nos anos 40, foi um grande estimulador de Ho. O Major Patti manteve-se como fã ardoroso do "Tio Ho" nas décadas seguintes. Quando a PBS (TV pública dos EUA) apresentou sua propaganda monstruosa, que custou vários milhões ao contribuinte, sob o título *Vietnam, A Television History* (Vietnã, uma história televisiva), em 1984, Archimedes Patti foi um dos "astros" da produção. Patti declarou:

> *"Ho Chi Minh estava servido em uma bandeja de prata em 1945. Nós o tínhamos ao alcance da mão. Ele não pendia para a URSS; naquele tempo, ele me contou que a URSS não o poderia ajudar, pois*

---

5 Hilaire du Berrier, Background to Betrayal: The Tragedy of Vietnam (Boston: Western Islands, 1965) p. 249; du Berrier's book remains the single-most authoritative source on the labyrinthine intrigues and political developments in Vietnam from the end of World War II to 1965. See also du Berrier's important articles, "The Diem Myth," American Opinion, October 1963 (available on our Vietnam web site, http://www.jbs.org/vietnam/misc/diem_myth.htm); "About South Vietnam," American Opinion, February 1958 (http://www.jbs.org/vietnam/misc/about_svietnam.htm); "One of the Ugliest Ugly Americans," THE NEW AMERICAN, July 14, 1986 (http://www.jbs.org/vietnam/misc/ugliest_american.htm)

6 Daily World (Communist Party newspaper), December 28, 1973, as quoted in Stormer, p. 238.

7 Rummel, p. 278.

8 "Duong Quynh Hoa - The Courage to Follow One's Conscience," http://www.fva.org/0197/d_q_hoa.htm.

recentemente havia vencido uma guerra apenas por heroísmo e não estava em posição de ajudar ninguém. Tínhamos, portanto, ao alcance mão, Ho Chi Minh, o Vietminh e a questão da Indochina".[9]

Trata-se do mesmo tipo de desinformação pró-comunista que Patti e outros velhos membros da antiga OSS vinham vendendo havia anos. É correto dizer que por volta de 1945, Ho Chi Minh (o mais conhecido dos nomes que usava o homem chamado Nguyen tat Thanh, nascido em 1890) já era um comunista fervoroso havia duas décadas. Em 1920, foi um dos fundadores do Partido Comunista Francês. Em 1922, viajou para Moscou. Em 1924, seus chefes no Kremlin mandaram-no à China como tradutor e assistente de Mikhail Borodin, o mais graduado agente soviético no Extremo Oriente. Na China, Ho recrutou jovens vietnamitas para treiná-los com instrutores soviéticos na Academia Militar de Whampoa. Nos 20 anos que se seguiram, Ho ajudou a espalhar a revolução comunista através de toda a Ásia, tendo viajado para Burma, Shanghai, Hong Kong, Macau, Bangkok e outros lugares. Autoridades da região inteira sabiam dos registros criminais e subversivos de Ho.[10]

Durante a II Guerra Mundial, Ho e seus superiors comunistas lançaram o mito de que Ho era um nacionalista e aliado americano contra os japoneses. Contudo, além de não haver evidência de que ele houvesse combatido os japoneses, existem provas abundantes de que ele colaborou com os últimos, entregando os verdadeiros nacionalistas do Vietnã aos japoneses e franceses, em troca de ouro. Além de encher seus cofres, ele eliminou a concorrência. A OSS americana proveu-o de dinheiro, armas, alimentos, equipamentos e informações, embora a Agência soubesse que ele os poderia usar contra os franceses, nossos aliados na II Guerra Mundial.

A OSS, da mesma forma que a CIA, que a sucedeu, estava repleta de "trouxas", esquerdistas socialistas e mesmo comunistas, e Ho era do agrado deles. Com as mãos da OSS dirigidas por gente como o General Philip Gallagher, o Coronel Edward Lansdale, George Sheldon, Major Archimedes Patti e o Major William Stevens ajudando-o por um lado e Stálin pelo outro, Ho ficou em uma posição privilegiada para atacar os franceses, enfraquecidos pela Guerra e atrapalhados sempre pelas mesmas forças pró-comunistas que estavam atuando em nosso departamento de Estado e na OSS, naquele mesmo momento preparando-se para entregar a China para Mao Zedong.[11]

---

[9] As quoted in AIM Report, August-B, 1984.
[10] Ibid.; See also, du Berrier, Background to Betrayal, pp. 1-20.
[11] du Berrier, passim.

Opinião Liberal

Culto ao Terror

Editorial da Folha de São Paulo (12 de fevereiro de 2006)

Um jornal argentino de prestígio, não faz muito tempo, publicou charge certamente ofensiva aos brasileiros. Éramos retratados na figura de um macaquinho, usando chapéu palheta e camisa listrada, a evacuar produtos industrializados sobre o mapa do país vizinho.

Embora destituído de conotações teológicas -vivia-se apenas um dissenso comercial, entre os muitos que compõem a enfadonha história do Mercosul-, o desenho era sem dúvida grosseiro e carregado de preconceito, que todo humor, em alguma medida, implica. Registraram-se protestos enfáticos e, logo após, os correspondentes pedidos de desculpa. Enquanto isso, ninguém se mobilizou para pisotear a bandeira argentina, depredar consulados ou publicar, em represália, caricaturas hostis à imagem de Evita Perón, Sarmiento ou Diego Maradona. Há alguns anos, o fotógrafo nova-iorquino Andres Serrano expôs, sob o título de "Piss Christ", a foto de um crucifixo mergulhado em um aquário repleto de urina. A obra, de péssimo gosto, suscitou escândalo entre muitos cristãos, que também questionavam a legitimidade do patrocínio federal concedido às experimentações do artista. Não se tem informação, entretanto, de que cidadãos americanos residindo em Roma, Lourdes, Dublin ou Aparecida do Norte tenham sofrido ameaças à sua integridade física.

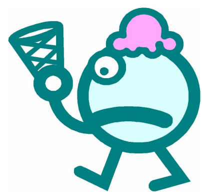
Pode-se até entender que, no mundo islâmico, a publicação de charges representando -ainda mais satirizando- o profeta Muhammad suscite movimentos de acerba indignação. Pedidos de desculpa, tentativas oficiais de reparação, manifestações de apreço aos dogmas do islamismo pouco seriam capazes de fazer, entretanto, contra a histeria fundamentalista, para a qual conceitos como liberdade e tolerância não fazem nenhum sentido. Caricaturas num jornal dinamarquês, ainda que insultuosas, não impedem ninguém de praticar a sua religião. Em Teerã ou Beirute, fanáticos querem entretanto impedir que alguém na Dinamarca escreva, leia e veja o que bem entender.

Lideranças muçulmanas julgaram oportuno lembrar, nessa conjuntura, que o Ocidente "perdeu o senso do sagrado". A pertinência da observação está sujeita a debate; que não seja motivo, entretanto, para aceitar com timidez e culpa a violência de sectários e extremistas.

Quando a TV exibe imagens de pré-adolescentes marchando uniformizados, de fuzis ao ombro, a gritar palavras de vingança, não é de "senso do sagrado" que se trata. Quando funcionários de organizações filantrópicas são ameaçados de morte simplesmente por terem origem européia, não são os valores espirituais da paz e da generosidade humana que estão sendo defendidos. Se um seguidor do Corão se sente ofendido quando alguém identifica o islã ao terrorismo, não é jogando coquetéis molotov em embaixadas que irá refutar essa acusação. Mais do que o "senso do sagrado" -que dispensa desfiles militares, tiros de metralhadora para o ar, cenas de apedrejamento e atentados a bomba-, está em jogo aqui o senso da convivência pacífica, que concebe diversas formas de reparação civil quando suscetibilidades ou direitos são atingidos pela crítica. A liberdade de expressão é um valor universal que está acima das peculiaridades de cultura e das veleidades de cada crença particular. Ela é a condição de existência da própria liberdade de religião e das demais liberdades.

Mas fanáticos não querem reparação nenhuma. Querem impor, sobre cidadãos de todo o mundo, que a muito custo conquistaram sua própria liberdade, uma lei que se baseia no obscurantismo, na intolerância, no preconceito e no terror.

Aquecimento Cerebral



O Aquecimento Cerebral é uma doença extremamente grave que afeta a capacidade de bom senso. Tal problema ocorre quando há um superaquecimento dos neurônios responsáveis pelo processamento do bom senso. Isso ocorre com exposição excessiva a raios infravermelhos vindos de fontes como CartaCapital, Caros Amigos, O Capital, discursos de Fidel Castro e Hugo Chávez.

Para isso existe o símbolo da campanha de Esfriamento Cerebral, que consiste no uso da técnica avançada e milenar do sorvete na testa.

Um consumidor do Distrito Federal obteve na Justiça o direito de não pagar para a Brasil Telecom assinatura básica de telefone. Ele também será ressarcido pelo tempo que pagou a mensalidade.
Aproveita, seu juiz, e acaba com o capitalismo de uma vez por todas. Aí será mais fácil para todos.

Schafik Handal foi um homem de luta, um bravo de coração cheio. Foi leal aos seus amigos e fiel até morrer as suas convições de militante comunista. Dedicou mais de 60 anos ao povo de sua pátria, El Salvador.
Vanda Pignato, que por sinal é petista, falando sobre o radical de extrema-esquerda que tentou ser presidente de El Salvador.

Mas o erro mais grave do Prouni é direcionar esses estudantes para instituições privadas e não públicas. Estas últimas atendem muito melhor a seus estudantes, tanto do ponto de vista acadêmico como complementar, na forma de alimentação subsidiada, assistência à saúde, alojamento e boas bibliotecas, coisas especialmente importantes quando os estudantes estão entre os mais desfavorecidos economicamente.
Otaviano Helene e Lighia B. Horodynski-Matsushigue, no sempre excelente Carta Maior. Pelo amor de Deus, esta sentença é auto-explicativa. Só que eles esqueceram de avisar que na universidade pública é bem mais fácil de doutrinar alguém.

UNE discute com relator do arçamento sobre a garantia das verbas para Assistência Estudantil
Arçamento, isso mesmo! A União Nacional de Esquerdistas além de não saber nada sobre ideologia, não sabe uma ova de português.

O ministro da Educação, Fernando Haddad, chegou ontem (11/2) a Cuba para participar de reuniões de trabalho com o ministro da Educação cubano, Luiz Gomes Gutiérrez, e com o ministro da Educação Superior, Fernando Vecino Alegret.
Eu ainda não sei porque o Lula não transfere o governo para Cuba. Seria até mais barato.

Em seu despacho ao Ministério Público, a juíza Larissa classifica como "grave" o ocorrido. "Os nobres vereadores desta cidade afrontaram, achincalharam e desrespeitaram o Poder Judiciário da União, mostrando falta de civilidade."
Juíza Larissa Scarabelim ao protestar sobre o protesto de vereadores contra uma decisão judicial desta juíza. Os vereadores em questão usavam narizes de palhaço. Liberdade de expressão foi para o espaço.

As exportações brasileiras somaram US$ 2,375 bilhões na semana passada, contra importações equivalentes a US$ 1,494 bilhão, o que resultou em saldo comercial de US$ 881 milhões.
No site do PT. A amostra definitiva que o mercantilismo da época do Tratado de Tordesilhas ainda é a ideologia oficial do comércio exterior. Por que o PT não mostra a participação relativa do Brasil no comércio global?

Os aspectos da lei, se comparados com a legislação chinesa sobre Internet, tão criticada pelo regime americano, são mais restritivos e mais subjetivos.
Como de costume, o Portal Vermelho. Daqui a pouco vão dizer que os Estados Unidos são uma ditadura totalitária sem discurso dissidente e a China, o paraíso da diversidade.

Créditos & Expediente

>>>FOTOS

Capa do Registro Liberal Nabavi, Ebrahim
URL da imagem <http://mag.gooya.com/nabavi/archives/ahmadinejad.jpg>.
Matéria de Capa Supera, Vj
URL da imagem <http://www.khadijascaravan.com/Protest.jpg>.
Matéria de Capa (Quadro 1) O Estado de S.Paulo
URL da imagem <http://www.estadao.com.br/banco/img/livre/2006/02/20060209114602afp20060209003g.jpg>.
Matéria de Capa (As charges) Human Events Online
URL das imagens <http://www.humaneventsonline.com/sarticle.php?id=12146>.
Matéria de Capa (Situação no Oriente Médio e Norte da África - Mapa) Reporters Without Borders
URL da imagem <http://www.rsf.org/IMAGES/une/en/regions/carte_mo.gif>.
Matéria de Capa (Situação no Oriente Médio e Norte da África - Legenda) Reporters Without Borders
URL da imagem <http://www.rsf.org/IMAGES/une/en/regions/echelle_baro_en.gif>.

>>>E-MAIL

registroliberal@yahoo.com.br

>>>BLOG

registroliberal.blogspot.com

>>>NOTAS IMPORTANTES

- A seção “Artigos” sempre conterá um artigo de Rodrigo Veleda, o editor do REGISTRO**LIBERAL**, e outro que ele achar interessante para ser colocado.
- Caso queiras ter um texto publicado, favor mandar em arquivo RTF, fonte Georgia, tamanho 10, margens horizontais e verticais de 1cm. Sendo aprovado o texto terá publicado na seção “Opinião”. Não editarei o artigo, portanto envie em um tamanho razoável ou não será publicado.
- As cartas poderão ser resumidas devido a tamanho de espaço. Favor enviar junto seu nome e sobrenome, profissão, cidade e estado.
- Se algum material aqui usado for de uso restrito, contate-me que este será imediatamente retirado.
- Para receber a última versão do REGISTRO**LIBERAL**, é só colocar seu email no campo referido no blog.
- As citações precisam estar no modelo MLA. Para mais informações verifique o site <www.citationmachine.net>.